

PRAÇA SALIM ELIAS ZAKIA

Lei nº 2654 de 07-02-1962

Lei nº 2674 de 25-04-1962

Projeto de lei nº 105 de 20-02-1961 de autoria do vereador Salim Feres

Formada pela praça sem número do loteamento Jerônimo Piccolotto e Prefeitura Municipal

Situada entre a avenida Brasil e as ruas Imperatriz Leopoldina e Francisco José de Camargo Andrade

Vila Nova

Obs.: A lei 2674/62 revogou a lei 2654/62. A primeira, isto é, a de nº 2654/62 foi promulgada pelo Vice-Prefeito Municipal, em Exercício, dr. João de Souza Coelho e a segunda pelo Prefeito Municipal Miguel Vicente Cury.

SALIM ELIAS ZAKIA

Salim Elias Zakia nasceu em Zaabdat, no Líbano, em 12-11-1887 e faleceu na Fazenda Palmeiras, de sua propriedade, no município de Amparo, SP, em 18-02-1961. Era filho de Elias Zakia e Alia Zakia e foi casado com Angela Cury Zakia com quem teve sete filhos. Fez seus estudos em sua terra natal, e aos 17 anos de idade, veio para o Brasil, radicando-se em Itu, SP, onde formou família. Alguns anos depois, transferiu-se para Campinas, e em 1920, associou-se a seu irmão José Zakia e seu cunhado Miguel Vicente Cury em uma pequena indústria de reforma e fabricação de chapéus. A empresa, cuja razão social era Vicente Cury e Companhia, contava então com cem operários e rapidamente cresceu, sentindo-se a necessidade de ampliar as instalações, procedendo-se na mesma ocasião, a alteração da firma para Chapéus Vicente Cury S/A, que tornou-se tradicional no ramo no Brasil. Participou da ampliação do parque industrial da empresa, com a diversificação de produtos fabricados, bem como, de sua extensão para o campo comercial e agrícola. De uma bondade franciscana e irradiante simpatia, praticou a caridade pura e sadia dentro do mais absoluto anonimato, se entristecendo com a pobreza e o sofrimento alheio. Foi o fundador do Clube Sírio-Libanês de Campinas, posteriormente transformado em União Cultural Líbano-Brasil e foi membro do Rotary Clube de Campinas, havendo feito parte de sua diretoria em diversas ocasiões, chegando a Vice-Presidente, e por mais de uma vez convidado, não aceitou a Presidência da entidade por ser simples, bom, despido de vaidade. Sempre falando com serenidade e sensatez, era sempre chamado para opinar em disputas ou dificuldades, tornando-se um conselheiro respeitável e amigo. Foi sepultado no Cemitério da Saudade, em Campinas.



LEI N.º 2674, DE 25 DE ABRIL DE 1962.

Revoga a Lei n.º 2654, de 7 de fevereiro de 1962
e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU PREFEITO DO
MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica revogada em seu inteiro teor a Lei n.º
2.654, de 7 de fevereiro de 1962.

Artigo 2.º — Fica denominada Salim Elias Zakia a praça
sem número, do loteamento de Jerônimo Piccolotto e Prefeitura
Municipal, localizada entre a Av. Brasil e Imperatriz Leopoldina e Rua Francisco José de Camargo Andrade.

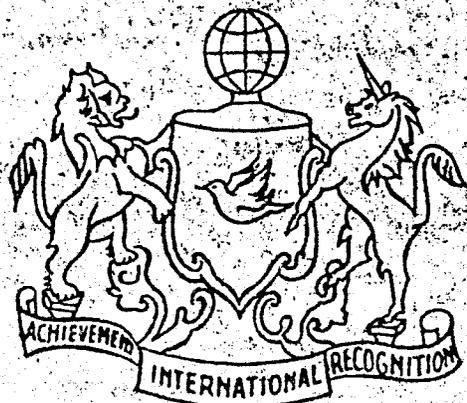
Artigo 3.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua
publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 25 de abril de 1962.

MIGUEL VICENTE CURY — Prefeito Municipal

Publicado no Departamento do Expediente da Prefeitura
Municipal aos 25 de abril de 1962.

DR. PLÍNIO DO AMARAL — Diretor do Departamento do
Expediente.



The International Registry of Who's Who

PROVA DE REDAÇÃO

FIGURAÇÃO: ZAKIA, Salim Elias - Industrial e Filântropo.

Nasceu a 12 de novembro de 1887, em Saida - Líbano. Filho do sr. Elias Zakia e da sra. Alia Zakia. Casado com a sra. Angela Cury Zakia (falecida). Tem sete filhos: Ercília, Sami, Guilmer, Maria Gizelda, Niase, Maria Benedita e José Maria. Estudos: realizou-os em sua Terra Natal, no Líbano, transferindo-se posteriormente para o Brasil, onde estruturou sua vida em bases sólidas de trabalho e honestidade. Idiomas: português e árabe. Em fins de 1920, associou-se à seu irmão, sr. José Zakia e seu primo, sr. Miguel Vicente Cury, em uma pequena indústria de reforma e fabricação de chapéus. A empresa, cuja razão social era Vicente Cury e Companhia, contava então com cem operários e denotava um rápido e crescente progresso, o que ventilou a necessidade da ampliação de suas instalações, o que ocorreu coincidentemente com a alteração da razão social para Chapéus Vicente Cury S/A., hoje a mais tradicional indústria do ramo no Brasil e onde, na época, ocupava o cargo de vice-presidente, através do que imprimia uma diretriz alicerçada nos verdadeiros princípios da honestidade e da fraternidade. Sua vida social foi totalmente crivada de atos filantrópicos, chegando ao ponto de ser eleito pelos seus compatriotas então vivendo em Campinas-SP e região, Consul Honorário do Líbano, pelos serviços prestados à aquela co-

DATA ____/____/____

A PROVA NÃO DEVOLVIDA
DENTRO DE 15 (QUINZE)
DIAS, SERÁ CONSIDERADA
CORRETA

Assinatura

VAG/3.10.80



The International Registry of Who's Who

PROVA DE REDAÇÃO

FIGURAÇÃO:

Atividade, na qual não era simplesmente um líder, mas um irmão mais velho, um amigo e um conselheiro. Foi o fundador do Clube Sírio Libanez de Campinas, atual União Cultural Líbano-Brasil. Por todos os seus atos, de lisura insofismável e enorme bondade, a cidade de Campinas verteu lágrimas por ocasião de sua morte, ocorrida no dia 18 de fevereiro de 1961.

DATA _____ / _____ / _____

A PROVA NÃO DEVOLVIDA
DENTRO DE 15 (QUINZE)
DIAS, SERÁ CONSIDERADA
CORRETA

VAG/3.10.80

Assinatura _____



Salim Elias Zakia

19.3.1976

Campinas ganha mais uma praça. Desta feita, localizada entre a Avenida Imperatriz Leopoldina e Rua Francisco José de Camargo Andrade. Inaugurada na tarde de ontem pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves, ela recebeu o nome da Salim Ellás Zakia, planejada pelo setor de Parques e Jardins, sob orientação de Orivaldo Passadora.

A praça, em homenagem a Salim Elias Zakia, se deu por iniciativa do vereador Salim Peres, no dia 20 de fevereiro de 1961, cuja proposição recebeu o n.º 105/61, em que solicitava que fosse dado o nome do saudoso cidadão Salim Elias Zakia a uma via pública de nossa cidade.

No dia 25 de abril de 1962, cuja proposição, aprovada por unanimidade em suas diversas fases, transformou-se na Lei n.º 2674, que denominava a praça, do loteamento de Jerônimo Picoloto e Prefeitura Municipal, localizada entre a Av. Brasil e Imperatriz Leopoldina e Rua Francisco José de Camargo Andrade.

QUEM ERA

Salim Elias Zakia nasceu no Líbano em 1887 e, muito jovem, se radicou no Brasil, inicialmente em Itú para depois vir para Campinas, que adotou como sua terra natal. e, de cujo matrimônio, teve 7 filhos, todos brasileiros, sendo considerado o pai da Colônia Libanesa em Campinas.

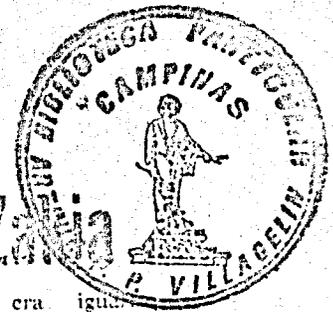
NA PLACA

"As mais simples palavras são as que maior significado, tem" — disse alguém certa vez. Na placa de inauguração da praça encontra-se os seguintes dizeres: "Salim Elias Zakia, Líbano — Brasil, seu respeito, suas lutas, sua alegria".

(Extraído do "Correio Popular" de 20-março-1976)

PRAÇA SALIM ELIAS ZAKIA ROTARY CLUBE DE CAMPINAS :

Reunião de Ontem Constituiu Homenagem à Memória de Salim Zakia



A costumeira reunião, jantar de todas as terças-feiras do Rotary Club de Campinas foi transformada ontem, numa sessão funebre, em homenagem ao sr. Salim Zakia, falecido na manhã de sábado ultimo, e cujo sepultamento, dos mais concorridos, deu-se na manhã de domingo, no Cemitério da Saudade.

A sessão, realizada no Hotel Terminus, sob a presidência do dr. Plínio do Amaral, contou com o comparecimento de rotarianos daquele clube, de Campinas, Norte e de outras cidades, bem como membros da família do saudoso extinto.

Dentre essas pessoas, a reportagem anotou o sr. Miguel Vicente Cury, prefeito munic.

pal: sr. e sra. Niasé Cury Zakia; sr. Guilmer Cury Zakia; sra. Maria Cury Zakia, sr. Rachid Elias Zakia; sr. Liés Cury Zakia, sr. Samy Cury Zakia; sr. Sergio Cury Zayia e o sr. Nelson Taufic e sra. Maria Gisela Zakia Taufic.

Em meio a geral consternação, o dr. Plínio do Amaral insatou aquela sessão funebre, dizendo que o fazia porque Rotary é uma instituição cuja finalidade precípua é o culto e a exaltação da amizade.

SALIM, CORAÇÃO DE OURO

O dr. Paulo Mangabeira Albernaz, designada pelo Conselho Diretor do Rotary Club de Campinas proferiu a oração, que inserimos na integra, dizendo:

"No decurso desta vida des-preocupada e alegre do Rotary em que maior é a ação contemplativa que a de trabalho, quase todos os dias são de alegria: alegria do convívio amigo, alegria da amavel companhia, alegria da despreocupação, alegria desta comunhão de principios em que se poucos trabalham por mantê-los e cumpri-los, todos praticamente deles compartilham.

Esta placidez serena, igual, constante, vez por outra vem a ser toldada pela amargura da dor, a mágua da saudade. E' que, não sendo eternos, tempo a tempo o proprio curso da existência vem roubar-nos um destes amigos, desses queridos amigos das horas de alegria.

Faz poucas horas que, com os olhos rasos de agua, vimos desaparecer sob a terra, um de nossos companheiros. A velha guarda vai sendo recolhida pelo desgaste da propria vida. Salim era deste grupo, pois que há quase vinte anos integrava esta turma de homens de boa ventade.

Não é justo, não é sensato sobretudo, estabelecer comparações mormente numa organização do tipo da a que pertencemos. Mas ninguem se dera de eu dizer nesta hora que, se, no Rotary Club de Campinas, havia um rotariano que era o mais querido igualmente de todos, sem exceções nem restrições de nenhuma especie, este era Salim Zakia. E' que Salim não sabia preferir entre nós. Sua amizade não era mais por este ou por aquele, e se, entre os companheiros, houve alguns, como o Quairoz, que praticamente viveram a seu lado, Salim, dentro do clube, não sabia deixar perceber esta seleção. Sua lhanza e seu agrado, sua simplicidade e suas atenções, soube ele ter a arte divina, que nós não temos, de distribuir, se não amplamente, equitativamente.

Poucas vezes o luto que ora nos envolve foi mais negro e mais duro. Involuntariamente e ostensivamente como que não nos conformamos com sua perda. Por que?

Porque em primeiro lugar signada.

é já o disse, ele era igual no modo cotidiano de iritar, igual na atenção que dispensava a todos, igual na sua constante simplicidade.

Porque era bom. Bom é um adjetivo de que usa e abusava. Mas bom de verdade é coisa rara. Um dia Salim foi visitar os vales esplendidos e as montanhas verdejantes do Líbano, que abandonara, para ficar brasileiro, os 17 anos de idade.

Quando de lá voltou, trouxe na idéia uma parentela que não era sangue, mas era pobreza. E a familia mal sabia daqueles parentes desconhecidos que seu coração enorme descobrira, que não era consanguínea, mas do parentesco da necessidade e da fome.

Porque era simples. Modesto e suas pretensões um dia, estando na vice presidência do clube, faltou, á última hora, o presidente. Procuram-no para assumir a presidência e dirigir a reunião. Respondeu agoniado que se ia embora, que, se insistissem, pediria demissão do clube. Ele era simples e humilde de mais para saber presidir.

Porque era manso. Quando a colonia libanesa tinha entre seus filhos certas questões de solução difícil, corria a procura da serenidade, da simplicidade, do equilíbrio de Salim.

E ele, que não nascera para dirigir, para mandar, para aliciar, era pela mansidão que resolvia facilmente todas as divergências.

Alguns de voces, ouviu porventura, alguma vez, Salim falar alto, em tom de voz elevado? Ninguem! Era a mansidão, a sua enorme a sua mais poderosa virtude. E foi o Mestre quem nos disse "bem aventurados os mãosos, porque eles possuirão a terra".

Ele se foi embora como veio: manso, humilde e sereno.

Mas nós, Salim guardamos de você, uma doce saudade imorredoura, porque voce foi bom e simples, foi um exemplo que nós embalde procuramos imitar. Salim, coração de ouro!"

O dr. Plínio do Amaral antes de encerrar aquela solenidade, comunicou que a co-irmã — o Rotary Club Campinas, Norte havia oficiado, associando-se as manifestações de pesar pela perda inescusável com que aquele clube fora atingido e agradeceu a presença dos membros da familia do extinto, afirmando que aquela era uma atenção toda especial ao clube, ao qual o desaparecido nutria verdadeiro amor e dedicação.

INAUGURAÇÃO DE RETRATO

Como parte das homenagens o Conselho Diretor fará inaugurar, na secretaria do clube, na galeria da saudade, o retrato do saudoso Salim Zakia, em data a ser oportunamente.

Rotary Clube rendeu homenagem póstuma ao sr. Salim Zakia

A costumeira reunião-jantar de todas as terças-feiras do Rotary Clube de Campinas foi transformada ontem, numa sessão fúnebre, em homenagem ao sr. Salim Zakia, falecido na manhã de sábado último; e cujo sepultamento, dos mais concorridos, deu-se na manhã de domingo, no Cemitério da Saudade.

A sessão, realizada no Hotel Terminus, sob a presidência do dr. Plínio do Amaral, contou com o comparecimento de rotarianos daquele clube, do Campinas-Norte e de outras cidades, bem como membros da família do saudoso extinto.

Dentre essas pessoas, a reportagem anotou o sr. Miguel Vicente Cury, prefeito municipal; sr. e

sra. Niasa Cury Zakia; sr. Guilmer Cury Zakia; sra. Maria Cury Zakia, sr. Rachid Elias Zakia; sr. Liés Cury Zakia, sr. Samy Cury Zakia; sr. Sérgio Cury Zakia e o sr. Nelson Taufic e sra. Maria Giselda Zakia Taufic.

Em meio a geral consternação, o dr. Plínio do Amaral instalou aquela sessão fúnebre, dizendo que o fazia porque Rotary é uma instituição cuja finalidade precípua é o culto e a exaltação da amizade.

SALIM, CORAÇÃO DE OURO

O dr. Paulo Mangabeira Albernaz, designada pelo Conselho Diretor do Rotary Clube de Campinas proferiu a oração, que inserimos na íntegra, dizendo:

"No decurso desta vida despreocupada e alegre do Rotary, em que maior é a ação contemplativa que a de trabalho, quase todos os dias são de alegria: alegria do convívio amigável, alegria da amável companhia, alegria da despreocupação, alegria desta comunhão de princípios em que, se poucos trabalham por mantê-los e cumprí-los, todos praticamente deles compartilham. Esta placidez serena, igual, constante, vez por outra vem a ser toldada pela amargura da dor, a máguia da saudade. E' que, não sendo eternos, tempo a tempo o próprio curso da existência vem roubar-nos um destes amigos, desses queridos amigos das horas de alegria.

Faz poucas horas que, com os olhos rasos de água, vimos desaparecer sob a terra, um de nossos companheiros. A velha guarda vai sendo recolhida pelo desgaste da própria vida. Salim era deste grupo, pois que há quase vinte anos integrava esta turma de homens de boa vontade.

Não é justo, não é sensato sobretudo, estabelecer comparações, mormente numa organização do tipo da a que pertencemos. Mas ninguém se coará de eu dizer nesta hora que, se, no Rotary Clube de Campinas, havia um rotariano que era o mais querido igualmente de todos, sem exceções nem restrições de nenhuma espécie, este era Salim Zakia. E' que Salim não sabia preferir entre nós. Sua amizade não era mais por este ou por aqueles, e se, entre os companheiros, houve alguns, como o Queiroz, que praticamente viveram a seu lado, Salim, dentro do Clube, não sabia deixar percebida esta seleção. Sua lhanza e seu agrado, sua simplicidade e suas atenções, soube ele ter a arte divina, que nós não temos, de distribuir, se não amplamente, equitativamente.

Poucas vezes o luto que ora nos envolve foi mais negro e mais duro. Involuntariamente e ostensivamente como que não nos conformamos com sua perda. Por que?

Porque, em primeiro lugar, e já o disse, ele era igual, igual no modo cotidiano de tratar, igual na atenção que dispensava a todos, igual na sua constante simplicidade.

Porque era bom. Bom é um adjetivo de que se usa e abusa. Mas bom de verdade é cousa rara. Um dia Salim foi visitar os vales esplendentes e as montanhas verdejantes do Líbano, que abandonara, para ficar brasileiro, aos 17 anos de idade. Quando de lá voltou, trouxe na idéia uma parentela que não era de sangue, mas era de pobreza. E a família mal sabia daqueles parentes desconhecidos que seu coração enorme descobrira, que não era consanguínea, mas do parentesco da necessidade e da fome.

Porque era simples. Modesto e sem pretensões, um dia, estando na vice-presidência do clube, faltou, à última hora, o presidente. Procuraram-no para assumir a presidência e dirigir a reunião. Respondeu agoniado que se ia embora, que, se insistissem, pediria demissão do clube. Ele era simples e humilde demais para saber presidir.

Porque era manso. Quando a colônia libaneza tinha entre seus filhos certas questões de solução difícil, corria à procura da serenidade, da simplicidade, do equilíbrio de Salim. E éle, que não nascera para dirigir, para mandar, para aliciar, era pela mansidão que resolvia facilmente todas as divergências. Algum de vocês, ouviu, porventura, alguma vez, Salim falar alto, em tom de voz elevado? Ninguém! Era a mansidão, a sua enorme a sua mais poderosa virtude. E foi o Mestre dos Mestres quem nos disse "bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra".

Ele se foi embora como viveu: manso, humilde e sereno. Mas nós, Salim, guardamos de você, uma doce saudade imorredoura, porque você foi bom e simples, foi um exemplo que nós embalde procuramos imitar, Salim, coração de ouro!"

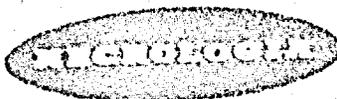
O dr. Plínio do Amaral antes de encerrar aquela solenidade, comunicou que a co-irmã — o Rotary Clube Campinas-Norte havia oficiado, associando-se às manifestações de pesar pela perda inesquecível com que aquele clube fora atingido; e agradeceu a presença dos membros da família do extinto, afirmando que aquela era uma atenção toda es-

pecial ao clube, ao qual o desaparecido nutria verdadeiro amor e dedicação.

INAUGURAÇÃO DE RETRATO

Como parte das homenagens, o Conselho Diretor fará inaugurar, na secretaria do clube, na galeria da saudade, o retrato do saudoso Salim Zakia, em data a ser oportunamente designada.

PRAÇA SALIM ELIAS ZAKIA



SALIM ELIAS ZAKIA —
 Faleceu ontem, em Amparo, na Fazenda Palmeiras, o sr. Salim Elias Zakia, com 74 anos de idade, industrial nesta praça. Era filho dos falecidos: Elias Zakia e d. Alia Zakia. Era viuvo de d. Angela Cury Zakia, deixando os seguintes filhos: Ercilia e Samy, solteiros, Guilmer, casado com d. Milza Bueno Zakia; Maria Giselda, casada com o sr. Nelson Tautic Nacii; Niase, casado com d. Maria Edna Villagelin Zakia; Maria Benedita, casada com sr. Eurico Padilha Acordi e dr. José Maria, casado com d. Lelia Bueno Zakia. Eram seus irmãos: Rachid Elias Zakia, casado com d. Dib Zakia; Ignacia Zakia; e José Zakia, casado com d. Maria Cury Zakia. Deixa os sobrinhos: Nabiha Zakia, solteira, Ady Zakia, casado com d. Marlene Zakia; Conceição Zakia, casada com sr. Antonio Lian; Sergio Cury Zakia, casado com d. Zilda P. Zakia; Lúis Cury Zakia, casado com d. Jeny Zakia e Vicente Zakia, casado com d. Wilma B. Zakia. O corpo foi trasladado para esta cidade para sua residência à rua Cel. Silva Telles, n.º 272, de onde sairá o enterro hoje às 9 horas, para a Matriz de Nossa Senhora das Dores, onde será celebrada Missa de Corpo presente, e após esta cerimônia, será conduzido ao cemitério da Saudade, onde será sepultado em jazigo da família. A família pede que não sejam enviadas flores ou coroas.

("Jornal de Campinas" de 19-fevereiro-1961)



Foi-se Um Grande Homem

Jair SIQUEIRA

Não foram muitas as oportunidades que tive para contactos directos com Salim Zakia. Nas poucas vezes, porem, que conversei com aquele simpático e cativante libanês, de cabeleira alva e gestos meigos, duas excelsas virtudes vi despontarem, robustecendo em mim o apreço e a admiração por essa figura: a bondade excessiva e o amor a esta pátria que, embora não sendo a de sua origem, amava talvez muito mais do que muitos brasileiros natos.

Raro, muito raro mesmo encontrar-se na época moderna uma personalidade como a de Salim Zakia. A risca cumpria os deveres sociais e humanitários que cabem aos homens de bem, sem contudo alardear o que de bom proporcionava aos seus semelhantes. Não dispensava a nobresa do anonimato nos gestos altruísticos, com o que duplicava o valor da dádiva e fazia-se mais e mais enaltecido no conceito dos beneficiados. Era um modelo de benemérito na mais lídima expressão do termo.

Aqui vindo e se radicando, oriundo do velho e lendário Libano, Salim Zakia tornou-se em pouco tempo um brasileiro tal qual, ou quiçá melhor do que os milhares que aqui nasceram. Porque seu patriotismo era puro, sem limites, interessando-se vivamente pela grandeza e progresso desta terra que escolheu para viver, para trabalhar, para constituir sua família e desempenhar relevante papel na sociedade. Tornou-se, por assim dizer, um libanês brasileiro, ou um brasileiro libanês, como queiram, dada a forma como conseguiu tão bem harmonizar em seu coração o duplo amor pátrio. Porque se à gloriosa Nação árabe, sua pátria mãe, devia a luz primeira da existência, os dias belos da infância e até as primordiais experiências adquiridas na juventude, no Brasil reconhecia a oportunidade de haver se projetado como trabalhador emérito, desses que pelo esforço, pela honestidade e pela forma correta de agir, vão facilmente galgando degraus a degraus até consolidarem-se na invejável situação de verdadeira potencia moral e financeira.

A sociedade acolheu Salim Zakia com um único objetivo: enriquecer a legião dos que a enaltecem. Dir-se-ia mesmo que a sociedade jamais poderia dispensar o convívio e o concurso desse ilustre cidadão, cuja falta pranteia agora pelas manifestações sinceras e espontâneas de altas figuras que a integram. Lamenta o Rotary Club, lamentam as entidades recreativas, lamentam os órgãos de classe, lamentam as instituições religiosas e assistenciais. E Campinas, enfim, que lamenta a perda irreparável de um homem simples na forma de se transparecer e de se conduzir, mas grande, muito grande mesmo, na maneira de exercer as gloriosas missões impostas pelas leis humanas, sejam a de chefe de família, de trabalhador e de membro da verdadeira sociedade.

A morte, esta implacável lei de Deus, foi encontrar Salim Zakia na tranquilidade de sua Fazenda, onde ultimamente gostava de usufruir os momentos mais prazerosos de sua vida. Colheu-o no alvorecer, impedindo que pulsasse por mais alguns anos aquele coração de ouro que se esticava com facilidade aos necessitados. Levou-o para o outro lado da vida, sem que ao menos pudesse Campinas preparar-se para o impacto. A cidade acordou no sábado desfalecida de uma figura a quem muito devia e de quem muito poderia ainda esperar. Bem por isso que ao ser dada a notícia, a reação era sempre esta: Morreu Salim Zakia? Foi-se um grande homem!